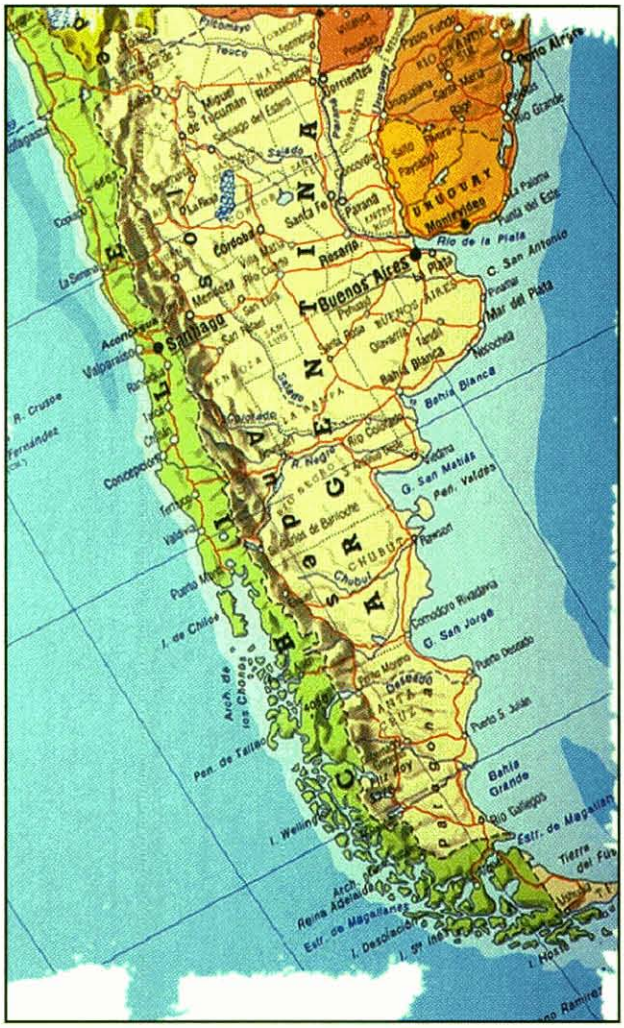
Ambiente de **incertezas**

Na Argentina, analistas, produtores e governo têm apenas uma certeza: a área plantada com milho perderá espaço para a soja.

LUIZ ANTONIO PINAZZA E REGIS ALIMANDRO

A crise da Argentina afetou profundamente a atividade primária do país, esteio tradicional de sua economia. O setor sairá bem chamuscado dessa tormenta, com alta taxa de endividamento e um horizonte pouco promissor para o plantio das próximas safras. No auge da fase de comercialização da colheita deste ano, os produtores temiam vender a produção e receber pesos sujeitos a virar pó em algumas semanas – uma insegurança terrível, alimentada por novas alíquotas de exportação e alterações das regras de crédito rural.



Assim como no Brasil, a agricultura é das poucas saídas a curto prazo para os argentinos superarem suas dramáticas dificuldades. Mesmo tendo nas mãos produtos de fácil comercialização no mercado externo e dispondo de uma posição privilegiada, há muito receio no meio produtor. Quem vende os grãos não sabe se deve guardar o dinheiro ou quitar dívidas com bancos ou empresas de máquinas e equipamentos agrícolas. Até dezembro de 2001, mais de 40% das dívidas dos agricultores estavam atrasados em mais de 30 dias. Esse percentual certamente cresceu em 2002. Diante da escassez de recursos, os agricultores foram forçados a prorrogar os pagamentos.

Hoje, o nível de inadimplência da agropecuária argentina é o maior dos últimos 15 anos. A taxa, que declinara no período de 1990 e 1994, tinha voltado a subir a partir de 1998. Os bons preços internacionais entre 1995 e 1997 estimularam inversões, mas apenas geraram resultados econômicos para os produtores saldarem seus empréstimos. Em 1999, a carteira total de crédito na Argentina era de 78,84 bilhões de pesos. Desse total, o setor agrícola respondia por 6,38 bilhões. O achatamento da receita do agricultor é uma das fortes razões do agravamento da inadimplência. Em 2001, os preços médios por tonelada de soja e milho na Argentina foram de 175 e 83 pesos, respectivamente – bem inferiores aos registrados em 1998, de 208 e 83 pesos.

Números do crédito

De acordo com os últimos dados divulgados pela Secretaria de Agricultura, Pecuária, Pesca e Alimentação, os bancos oficiais (Banco La Nación, instituições provinciais e dos municípios) ofereceram 3,89 bilhões de pesos em créditos aos agricultores em 1999. Desse total, a maior parte dos créditos veio do Banco La Nación, com 1,82 bilhão de pesos. A banca privada ofereceu 2,07 bilhões ao setor agrícola. Para 2000 e 2001, apesar da falta de dados oficiais recentes, as estimativas são de uma oferta de crédito no mesmo patamar.

Argentina: produção de grãos – 1991/92 a 2001/02

Mil t

Cultivos	1991/92	1992/93	1993/94	1994/95	1995/96	1996/97	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01*	2001/02*
Algodão	652,0	431,1	706,0	1.122,5	1.347,0	1.030,0	987,0	618,0	417,0	509,0	218,0
Arroz	732,7	608,3	608,0	926,0	986,0	1.205,0	1.036,0	1.658,0	904,0	859,0	714,0
Aveia	610,0	600,2	436,0	357,0	260,0	310,0	517,0	383,0	555,0	644,0	640,0
Cevada cervejeira	570,1	580,1	455,0	341,0	385,0	533,0	921,0	535,0	414,0	718,0	519,0
Cevada forrageira	3,3	3,1	4,0	3,4	1,1	4,0	5,0	4,0	5,0	5,0	7,0
Centeio	46,0	34,0	64,0	54,0	40,0	36,0	62,0	66,0	116,0	125,0	81,0
Colza	57,1	30,1	12,0	21,0	9,0	4,0	2,0	2,0	5,0	17,0	27,0
Girassol	3.407,6	2.955,9	4.095,0	5.800,0	5.558,0	5.450,0	5.600,0	7.100,0	6.000,0	3.043,0	3.800,0
Milho	10.700,5	10.901,0	10.360,0	11.404,0	10.518,0	15.536,0	19.360,0	13.500,0	16.781,0	15.365,0	14.710,0
Feijão	212,3	165,4	198,0	238,0	218,0	269,0	303,0	340,0	297,0	263,0	278,0
Soja	11.310,0	11.045,4	11.720,0	12.134,5	12.448,0	11.000,0	18.732,0	20.000,0	20.200,0	26.864,0	30.000,0
Sorgo	2.767,0	2.859,7	2.148,0	1.649,5	2.132,0	2.499,0	3.762,0	3.222,0	3.344,0	2.906,0	2.854,0
Trigo	9.884,0	9.874,4	9.659,0	11.306,0	9.445,0	15.914,0	15.000,0	12.400,0	15.300,0	15.960,0	15.300,0
Outros	713,4	502,4	403,0	485,0	688,3	435,0	803,0	504,0	568,0	501,0	454,0
Total	41.665,8	40.591,2	40.868,0	45.841,9	44.035,4	54.225,0	67.090,0	60.332,0	64.906,0	67.779,0	69.602,0

*Provisório.

Argentina: área plantada de grãos – 1992/93 a 2002/03

Mil ha

Cultivos	1992/93	1993/94	1994/95	1995/96	1996/97	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01*	2001/02*	2002/03*
Algodão	377,7	503,6	761,5	1.011,0	956,0	1.134,0	751,0	345,0	410,0	173,1	165,0
Arroz	144,1	148,2	188,5	211,0	227,0	248,0	291,0	201,0	154,0	126,0	155,9
Aveia	2.006,1	1.971,4	1.971,8	1.848,0	1.870,0	1.789,0	1.822,0	1.711,0	1.664,0	1.516,0	1.332,0
Cevada cervejeira	239,3	202,1	147,5	230,8	278,1	324,0	218,0	182,0	246,0	260,0	264,0
Cevada forrageira	45,5	40,3	41,4	31,0	29,0	19,0	24,0	20,0	16,0	16,0	14,0
Centeio	462,9	460,4	473,0	390,3	380,2	353,0	372,0	365,0	373,0	336,0	319,0
Colza	19,9	7,9	15,9	10,0	4,0	2,0	2,0	3,0	9,0	22,0	
Girassol	2.187,1	2.205,8	3.010,4	3.410,0	3.120,0	3.511,4	4.212,0	3.587,0	1.891,0	2.050,0	2.466,0
Milho	2.962,8	2.781,4	2.957,7	3.415,0	4.153,0	3.752,0	3.268,0	3.654,0	3.498,0	3.046,0	2.963,0
Feijão	155,7	193,8	239,6	265,0	260,0	293,0	431,0	293,0	275,0	263,0	
Soja	5.319,7	5.817,5	6.011,2	6.002,0	6.670,0	7.176,0	8.400,0	8.790,0	10.665,0	11.640,0	12.300,0
Sorgo	809,9	670,4	621,9	671,0	804,5	920,0	880,0	819,0	698,0	592,0	630,0
Trigo	4.547,7	4.910,0	5.308,0	5.088,0	7.367,0	5.919,0	5.453,0	6.300,0	6.497,0	7.109,0	6.150,2
Outros	437,5	392,7	440,0	557,6	591,0	682,0	570,0	439,0	434,0	389,0	188,2
Total	19.715,9	20.305,4	22.188,5	23.140,6	26.709,8	26.122,4	26.694,0	26.709,0	26.830,0	27.538,1	26.947,2

*Provisório.

Em 2002, a participação dos bancos privados e provinciais no financiamento do setor agrícola da Argentina deve cair. Nos últimos anos, o orçamento total do custeio das lavouras estava projetado em 12 bilhões de pesos. Neste ano, diante dos fracos investimentos em máquinas, equipamentos ou compra de terras, o volume de crédito pode recuar até 30%. O Banco La Nación destinará praticamente o mesmo montante fornecido no ano-safra anterior, cerca de US$1,5 bilhão. Outro problema será a taxa de juros a ser cobrada nos financiamentos rurais. O Banco La Nación cobrou taxas médias de 16% ao ano em 2001, mas agora teve de aumentá-las.

A agricultura é uma das poucas saídas a curto prazo para os argentinos superarem suas dramáticas dificuldades. Mesmo tendo nas mãos produtos de fácil comercialização no mercado externo e dispondo de uma posição privilegiada, há muito receio no meio produtor.

Nos momentos de crise do país, historicamente, as fontes de crédito dos bancos das pro-

víncias desaparecem, sobretudo devido à queda nos depósitos da clientela. Por sua vez, os bancos privados encontram também resistências para captar crédito externo e oferecer dinheiro aos produtores locais. Surgem então problemas de liquidez e restrição de crédito. É uma situação bem próxima à vivida em 1994, de pós-efeito tequila, que gerou desconfiança no sistema financeiro.

Num primeiro momento, o setor agrícola avaliou como positiva a transformação do valor da dívida de dólar para peso. O mês de agosto foi tomado como base para a atualização da dívida. Mas o governo estabeleceu que, após 180 dias, os empréstimos serão corrigidos por uma taxa chamada coeficiente de estabilização de referência, (CER), índice um pouco inferior à inflação. Com projeção de inflação anual acima de 50% em 2002, a dívida pode subir desenfreadamente. Para o produtor, a melhor opção é a quitação imediata.

As dívidas contraídas com as empresas fornecedoras de insumos não estão previstas na lei da pesificação. A Associação de Câmara de Tecnologia Agropecuária (Acta) estima que os produtores argentinos tenham dívidas de US$3,05 bilhões acumuladas nos últimos três anos com as indústrias de agroquímicos, fertilizantes, sementes e produtos veterinários. Desse total, US$2,15 bilhões referem-se a fertilizantes, sementes e agroquímicos. A Sociedade Rural Argentina (SRA) estima que a dívida real represente 15% (US$400 milhões) do informado pelas empresas.

Menor rendimento

Em termos de receita, outra constatação nada agradável. Os produtores argentinos deixaram de receber 5,25 bilhões de pesos na comercialização da safra 2001/02, resultado das tarifas de exportação – *retenciones* – fixadas pelo governo federal. O cálculo considera a venda de 49,53 milhões de toneladas de grão e derivados de soja e girassol. As tarifas para exportação variam. Para milho, óleo de soja e de girassol, farelos e farinha de trigo, foram fixadas em 20%, enquanto para soja em grão e girassol estão em 23,5%. O governo justifica essa medida com os ganhos proporcionados ao setor com a desvalorização do peso. As receitas ficaram reduzidas de 22,61 bilhões de pesos para 17,35 bilhões.

Argentina: inadimplência no setor rural

Ano	Taxa %
1987	32,7
1990	28,8
1994	26,8
1998	19,9
1999	25,0
2000	28,0
2001	40,0

Fonte: Secretaria de Agricultura, Pecuária, Pesca e Alimentação.

O efeito conjunto da falta de financiamento bancário e a adoção de alíquotas para a exportação de grãos pode resultar em menor área plantada e queda na produtividade. Se a história pode fornecer alguma evidência, as perspectivas não são das melhores. Na safra 1988/89, quando os impostos para exportação de grãos oscilavam entre 33% e 44%, houve uma queda geral em relação à temporada anterior: a área caiu de 19,21 milhões de hectares para 18,81 milhões; a produção, de 36,8 milhões de toneladas para 26,75 milhões e a produtividade de 2.248kg/ha para 1.833kg/ha.

Mesmo com a eliminação das tarifas em setembro de 1993 (só as exportações de soja e girassol continuaram taxadas em 3,5%), os produtores não aumentaram rapidamente a área plantada e o investimento em tecnologia. Somente três safras após a eliminação parcial das tarifas, a área plantada começou a dar indícios de recuperação.

Na safra 1993/94, a área plantada somou 20,3 milhões de hectares, para uma produção de 40,86 milhões de toneladas e produtividade média de 2.013kg/ha. Nas duas safras seguintes, a área e a produção se expandiram moderadamente e a produtividade manteve-se praticamente inalterada. Na estação de 1996/97, a área alcançou 26,7 milhões de hectares e a produção passou a 54,2 milhões de toneladas, um crescimento de 33% sobre o resultado de 1993/94. Diante do cenário atual, de escassez de crédito e impostos maiores nas exportações, não será surpresa uma baixa significativa na área cultivada associada a menor adoção de tecnologia na temporada 2002/03. Aliás, as autoridades governamentais do país prevêem para 2002/03 uma retração de área de 591 mil hectares.

Sem perspectiva de recuperação acelerada na economia a curto prazo, com o endividamento do setor e as dúvidas sobre os recursos para financiamento, fica difícil previsões para a próxima safra de grãos. Analistas, produtores e governo têm apenas uma certeza: a área plantada com milho perderá espaço para a soja.

Um bom rendimento das lavouras de milho demanda grande quantidade de defensivos e fertilizantes, artigos importados e cotados em dólares, ao contrário da soja, 90% transgênica no país – o que reduz drasticamente o uso de agroquímicos. Temendo aumento de custos, os agricultores devem reduzir a área destinada ao milho e plantar mais soja.

Apesar dos embaraços conjunturais, a saída da Argentina está nas exportações. Com uma agricultura competitiva, é um dos setores prontos para alavancar o país e dar rápida resposta à desvalorização do peso. Os custos em dólares para produzir grãos ficaram menores. Uma safra generosa de grãos, formada principalmente por commodities de exportação, deve injetar bilhões de dólares na economia.

É compreensível que no ambiente reinante, cercado de incertezas, os produtores evitem gastar seu dinheiro ou colocar seu patrimônio em risco. Nos últimos anos, o setor agropecuário representou entre 5% e 7% do PIB da Argentina, que foi de US$267 bilhões em 2001. Com a desvalorização, estima a SRA que a participação do setor no PIB fique entre 10% ou 12% este ano. Do total de US$26,66 bilhões exportado pela Argentina em 2001, os produtos primários e manufaturados de origem agropecuária responderam por metade desse valor (US$13,6 bilhões). A expectativa é que as exportações agrícolas rendam US$7,98 bilhões à Argentina no ano-safra 2001/02, sendo que a soja e derivados (complexo oleaginosas) representam metade do total.

pinazza@agroceres.com.br e regis@fgv.br